UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

MARIA FLÁVIA FONTAN DE HOLANDA

PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS: O LUGAR DA LEITURA DE MUNDO NO PROCESSO DE LETRAMENTO

SÃO CRISTOVÃO-SE
2015

MARIA FLÁVIA FONTAN DE HOLANDA

PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS: O LUGAR DA LEITURA DE MUNDO NO PROCESSO DE LETRAMENTO

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof[a]. Dr[a]. Lianna Melo Torres

SÃO CRISTOVÃO-SE

2015

MARIA FLÁVIA FONTAN DE HOLANDA

PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS: O LUGAR DA LEITURA DE MUNDO NO PROCESSO DE LETRAMENTO

Aprovada em: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

_____

Profª Dra. Lianna de Melo Torres

Universidade Federal de Sergipe – Departamento de Educação

Orientadora

_____

Profª Dra Sonia Meire Santos Azevedo de Jesus

Universidade Federal de Sergipe – Departamento de Educação

Primeira Avaliadora

_____

Profª Dra. Iara Maria Campelo Lima

Universidade Federal de Sergipe – Departamento de Educação

Segunda Avaliadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que nunca abandona seus filhos e em meio a tantas provações me leva para os caminhos certos e coloca pessoas especiais na minha vida para me mostrar que nunca devo desistir dos meus sonhos.

A minha Orientadora Profª Dra. Lianna de Melo Torres, que desde o inicio acreditou na minha pesquisa, no meu potencial, por toda compreensão ao longo desses períodos, em que entre diversos obstáculos, por muitas vezes pensei em desistir, mas nossos encontros ou trocas de mensagens, de forma sempre bem humorada me dava uma injeção de ânimo. Muito obrigada pela orientadora, professora e pelo ser humano que é.

Aos pais que estão sempre ao meu lado, meus familiares que compreenderam todas as minhas ausências para estudar. Ao meu noivo que suportou todas as minhas crises, medos, lágrimas, que puxou a minha orelha quando preciso e não me deixou desistir me dando forças para continuar.

As amigas que a vida acadêmica me proporcionou Lais, Carol, Michele, Janine e Dayane, que estiveram comigo desde o principio, compartilhando todas as experiências, , entre alegrias e angústias. Em especial á Lais, que atendeu a todos os meus apelos, e nessa reta final enlouqueceu junto comigo.

Aos bons e velhos amigos, que de uma maneira ou de outra me auxiliaram nesta longa jornada.

Ao projeto Aprofundando Saberes na EJA, que foi a primeira oportunidade de pôr em prática, as minhas aprendizagens, sou grata a todos que compõem esta equipe, pelas portas sempre abertas, aos meus queridos alunos, que me mostraram na prática que a troca de conhecimentos é essencial na relação professor- aluno, e ao ilustre sujeito desta pesquisa, que em todos os momentos se mostrou pronto para responder os meus questionamentos, com informações estimulantes, que me enchiam de expectativas e prazer em escrever sobre este caso.

Nunca deixe que lhe digam que não vale a pena acreditar nos sonhos que se tem ou que os seus planos nunca vão dar certo ou que você nunca vai ser alguém...

Renato Russo

RESUMO

A presente monografia teve como objetivo compreender como pessoas analfabetas se letram, uma vez que ser letrado está associado a práticas de leitura e escrita. A questão central da pesquisa é como uma pessoa, mesmo sem saber ler ou escrever é capaz de se ter uma compressão de mundo tão larga e se expressar tão bem? O estudo foi realizado numa perspectiva de pesquisa qualitativa, no formato metodológico de um estudo etnográfico, usando como instrumento de coleta de dados, a observação não-estruturada, questionários e a entrevista semi- estruturada, realizada com um senhor de 58 anos, líder sindical, petista que participava do MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra), aluno de turma de alfabetização de jovens e adultos. Os dados foram tabulados, analisados e fundamentados com base em literaturas especializadas no tema. Como conclusão o estudo indicou Seu Joaquim mesmo após anos frequentando a escola ainda não conseguiu a alfabetização plena, isso prova que a leitura de mundo somente não é suficiente, o letramento deve andar de mãos dadas com a alfabetização, ocorrendo uma ligação entre leitura de mundo e leitura da palavra, o saber popular e o saber técnico.

Palavras-chave: Alfabetização de adultos - Letramento - Leitura da Palavra.

ABSTRACT

This monograph aimed at understanding how illiterate people letram since being literate is associated with reading and writing practices. The central research question is as a person, even without knowing how to read or write is able to have a world of compression as wide and express themselves so well? The study was conducted on a qualitative perspective, the methodological format of an ethnographic study, using as a data collection instrument, the non-structured observation, questionnaires and semi-structured interviews carried out with a man 58, union leader , PT who attended the MST (Landless Workers Movement), a student of youth literacy class and adults. Data were tabulated, analyzed and justified on the basis of specialized literature on the subject. In conclusion the study indicated Your Joaquim even after years attending school has not achieved full literacy, it proves that the world read-only is not enough, literacy must go hand in hand with literacy, occurring a link between the world of reading and word reading, popular knowledge and technical knowledge.

Keywords: Adult literacy - Literacy - Reading of the Word.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....9

CAPÍTULO I - Os significados do letramento.....14

CAPÍTULO II - Pedagogias de alfabetização de jovens e adultos.....19

CAPÍTULO III - A leitura de mundo precede a leitura da palavra: o analfabeto letrado? 25

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....32

REFERÊNCIAS.....34

APÊNDICE.....35

INTRODUÇÃO

Eu estava no 5º período da Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe, cursando a disciplina Educação de Adultos quando tive o meu primeiro contato com o debate sobre a educação de jovens e adultos. Para finalizar a disciplina a professora solicitou que procurássemos escolas com a modalidade de ensino EJA, para que observássemos algumas aulas, aplicássemos questionários e fizéssemos entrevistas com dois alunos, com o objetivo de levantar dados para traçar o perfil dos alunos que faziam parte daquela modalidade de ensino.

Fizemos nosso trabalho em classe de alfabetização de jovens e adultos vinculadas ao Colégio de Aplicação da UFS. Após concluirmos o nosso trabalho para disciplina, a coordenadora do projeto nos convidou para continuarmos estagiando lá, pois eles estavam precisando de novos estagiários. Aceitamos prontamente o convite na condição de voluntárias, onde passamos 6 meses ministrando aula em uma turma. Como éramos quatro estagiárias dividíamos o trabalho, por exemplo, duas ministravam a aula de português e as outras duas auxiliavam, depois na aula de matemática trocávamos. Planejávamos as aulas juntas tomando como referência o que aprendemos na disciplina. Como princípio geral aprendemos que nunca devíamos infantilizar as aulas, pois estávamos lidando com adultos e não com crianças e sempre vincular os conteúdos à realidade dos alunos. Diariamente levávamos textos com temas polêmicos que estavam em alta, me recordo que em uma das aulas trabalhamos com o tema Cidadania, se não me engano estávamos perto das eleições. Lemos o texto que falava sobre direitos e deveres do cidadão, após a leitura, eu fiz uma breve introdução sobre a minha opinião quanto à cidadania para que pudéssemos abrir um debate, a maioria da turma ficou receosa para se expressar e Seu Joaquim, um senhor, de pele aparentemente castigada pelo sol, logo se posicionou, com uma opinião formada sobre o assunto e vocabulário rebuscado, expôs com clareza o que achava sobre o tema. Como algumas colegas não deram a devida atenção, ele logo tratou de exemplificar os direitos e deveres e citou o direito de falar e o dever de respeitar e ouvir o que o outro fala. Ele disse: "[...] como aqui que estou falando e as pessoas querem me interromper a todo custo". Assim Seu Joaquim conseguiu ser ouvido por todos e nos surpreendeu a sua capacidade de se comunicar com o público.

A partir daquele dia passei a prestar muita atenção no Seu Joaquim, ele era o mais interessado nas aulas, se irritava com os colegas que não prestavam atenção, quase nunca

faltava, era sempre pontual e dizia que tinha o prazo de quatro anos para ser alfabetizado, que tinha que correr contra o tempo.

Toda a aula nós trazíamos temas diferentes e graças ao entusiasmo de Seu Joaquim, os outros passaram a participar também das aulas e não ter vergonha de se expressar. Com os debates percebemos que nossas aulas tinham significado para aqueles alunos e por isso eles tinham interesse em participar, isso era muito gratificante. Foi aí que decidi que Seu Joaquim seria o sujeito da minha pesquisa, mesmo antes de saber exatamente sobre o que eu iria pesquisar, eu sabia que seria algo que envolvesse este aluno, para mim era fantástico conviver com uma pessoa que mesmo sem saber ler e escrever tinha uma compreensão alargada do mundo além de uma habilidade de oratória tão aguçada.

Por falta de tempo, com as atribuições geradas pelo curso e o trabalho tivemos que nos afastar do estágio voluntário na classe alfabetização de jovens e adultos. Quase um ano depois, matriculada na disciplina de Monografia I, conversei com a minha orientadora sobre o meu interesse em Seu Joaquim e ela me incentivou a voltar ao estágio, apenas como observadora, para definir o tema da minha monografia. Procurei as coordenadoras que permitiram que eu observasse as aulas da mesma turma que estagiei, na esperança de reencontrar Seu Joaquim. Encontrei a turma um pouco maior e com alguns alunos diferentes, mas para minha sorte Seu Joaquim e mais uns quatro alunos tinham permanecido na mesma turma.

Fiquei contente ao perceber que o estagiário também seguia a linha de contextualizar os conteúdos e meus alunos não tinham abandonado os estudos. Escolhi o uso do questionário com perguntas básicas para levantar o perfil da turma, escolher os sujeitos da minha pesquisa e delimitar o tema. Apliquei os questionários com cerca de doze alunos que estavam presentes no determinado dia. Logo em seguida tabulei os dados.

Para desenvolver a minha pesquisa me apropriei de diversos instrumentos de coleta de dados. Primeiro usei a técnica da observação não-estruturada na turma que eu havia sido estagiária, durante 15 dias. Segundo Mazzotti e Gewandsznajder (1999) a observação não-estruturada é aquele em que os comportamentos a serem observados não são predeterminados. Foi assim que dei inicio as minhas observações sem focar em um determinado assunto, como ainda não tinha delimitado meu tema, só sabia que seria sobre o letramento de jovens e adultos, então fui a campo para coletar informações e ter ideias para delimitar o meu tema. Durante as observações anotei em um diário de campo todas as informações relevantes ao

tema, a partir dessas informações elaborei questionários para aplicar com alunos, para que depois pudesse escolher os sujeitos da pesquisa e realizar as entrevistas.

Desde o começo a minha orientadora sugeriu o tema letramento na alfabetização de jovens e adultos, a partir de então comecei a ler e tentar entender um pouco mais sobre o assunto. Com o passar das observações na turma e a leitura sobre o tema, notei que meus ex-alunos tinham evoluído, mas constatei que apesar de conhecedores de vários assuntos, sempre trazidos pelo estagiário através de leitura e escrita, ainda não estavam alfabetizados. Pensei em escolher três sujeitos para minha pesquisa, mas diante da diversidade de história de vida e de escola, decidimos que seria apenas um e na minha cabeça tinha que ser Seu Joaquim, ele seria o sujeito da minha pesquisa, um senhor de 58 anos, que já participava do projeto há dois anos, mas ainda não tinha sido alfabetizado, ele era líder sindical e participava do MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra). Comecei a me perguntar **como uma pessoa, mesmo sem saber ler ou escrever é capaz de se ter uma compressão de mundo tão larga e se expressar tão bem?** Essa foi a questão central do meu trabalho de pesquisa, seguida de perguntas secundárias: Qual o papel da escola na vida de Seu Joaquim? Onde ele aprendeu tanta coisa? Por que ele aprende tanto com a vida e ainda não conseguiu ser alfabetizado?

Conversei com Seu Joaquim expliquei a ele que precisaria de sua ajuda para a minha pesquisa e, desde então, ele se mostrou disponível e super- interessado em participar. Meu objetivo de pesquisa era **compreender como pessoas analfabetas se letram, uma vez que ser letrado está associado a práticas de leitura e escrita.**

A minha pesquisa se define como qualitativa, uma vez que pensando como ocorre a pesquisa qualitativa percebemos que o campo é uma grande fonte de dados, o que o torna o maior instrumento do pesquisador. A partir desta aproximação com o campo, o pesquisador tem a possibilidade de coletar dados extremamente descritivos, pois observa situações e pode relatar momentos que expressem seu interesse pelo determinado assunto, valorizando sempre a opinião dos participantes, de forma contextualizada.

A escolha do estudo de caso decorreu do fato da minha pesquisa tratar de um estudo singular, onde pretendo descobrir como um indivíduo “que sabe das coisas” e “faz discurso”, pode não ser considerado letrado. Muitos autores falam sobre o letramento e alfabetização, partindo de leituras sobre o tema eu pretendo descobrir onde se encaixa nos conceitos teóricos o que se constata na prática. Considero que o conhecimento não é algo acabado, mas que pode se renovar, buscando descobertas, de forma completa e profunda. Sem deixar de lado uma característica importante da pesquisa qualitativa e do estudo de caso que é a contextualização.

Ao delimitar a minha pesquisa para um estudo de caso percebi que poderia recorrer a muitas fontes de informação, não só do sujeito da pesquisa, mas de toda a turma e colaboradores. Como por exemplo, busquei informações com os estagiários, tanto os que estavam ministrando aula, quanto os que tinham passado pelas classes. Procurei saber o que aconteceu com Seu Joaquim depois que eu deixei a classe.

O fato do campo de pesquisa escolhido ser o local onde já tinha estagiado sabia que lá eu seria bem-vinda e teria a liberdade de fazer minhas observações, outro ponto estratégico é que resolvi observar a turma em que já tinha ministrado aulas, o que também facilitou, por já ter contato com alguns alunos. Foi a melhor maneira que encontrei de garantir que teria a possibilidade de realizar a minha pesquisa. Por não ser uma pessoa estranha para turma ao iniciar as observações em campo, expliquei tanto aos responsáveis pelo projeto, quanto aos alunos, que estava frequentando as aulas para coletar dados para a minha pesquisa. Percebi que pelo fato de alguns alunos já me conhecer, aproveitavam a minha presença para tirar dúvidas e ajudar em alguns exercícios e até o próprio professor muitas vezes solicitava a minha opinião e desta maneira fui uma observadora participante.

Usei a técnica de entrevista com Seu Joaquim e entrevistei também quatro estagiárias, mas como uma delas não me forneceu todas as informações necessárias, só tive a possibilidade de entrevistar três estagiarias. As entrevistas foram gravadas e transcritas. Foram entrevistas semi- estruturada, onde elaborei algumas perguntas e outras foram sendo criadas no decorrer do diálogo com o sujeito da pesquisa.

A entrevista com Seu Joaquim teve como tema principal sua trajetória de vida e de escolarização. Tive minha curiosidade aguçada quanto a trajetória desse sujeito, desde que fui estagiária, como aquele homem já de idade, que passa o dia todo trabalhando e vinha cansado para as aulas, com o objetivo de aprender a ler e escrever, poderia se expressar tão bem em público, como ele desenvolveu a sua oratória? Como ele adquiriu a habilidade de organizar pensamentos, articular ideias, expressar sentimentos e interpretar o mundo, mesmo sem frequentar a escola? Ele pode ser considerado um analfabeto letrado?

A monografia está estruturada em três capítulos. No primeiro tratamos de fazer um levantamento dos significados do letramento. No segundo, buscamos identificar quais pedagogias podem ser mais indicadas para alfabetizar o aluno adulto, considerando que ele é alguém que retoma os estudos ou até mesmo que nunca frequentou uma escola antes e portanto pretende através da escola melhorar a sua qualidade de vida. No terceiro capítulo, descrevo a trajetória de vida e de trabalho de Seu Joaquim, capturada durante a entrevista,

buscando refletir e compreender o meu problema de pesquisa à luz do referencial teórico estudado.

CAPITULO I

Os significados do letramento

O índice de analfabetismo ainda é um fator muito discutido no mundo inteiro e aqui no Brasil não é diferente. Dados do IBGE (2010) revelam um índice de 18% de analfabetos funcionais, ou seja, pessoas que mesmo tendo passado pela escola que não conseguem fazer uso da leitura e da escrita nas atividades cotidianas. Esse dado revela que o numero de pessoas alfabetizadas que não dão continuidade aos estudos também é muito grande. Diante disso, pesquisadores questionam se aprender a ler e escrever já é o suficiente para ser considerado alfabetizado, ou seja, quantas dessas pessoas sabem interpretar textos, observar uma conversar, compreender o diálogo e participar dele expondo sua opnião?

Constatar essa realidade pôs em xeque que as habilidades de codificar e decodificar palavras não significa que se é alfabetizado, desde as séries iniciais crianças são treinadas a repetir, copiando e reproduzindo letras, sílabas, palavras e frases sem sentido. Que estímulo essas crianças recebem para criar o gosto pela leitura e escrita, para dar continuidade aos estudos? Como se tornaram adultos críticos e participativos, capazes de crescer e desenvolver um país?

Segundo MACEDO (2001,p. 18) a escola que tem entre outras funções a de possibilitar a socialização e a formação dos sujeitos inseridos em um determinado contexto social. Nesse sentido, Macedo defende que a escola deve alfabetizar na perspectiva do letramento, ou seja, não só trabalhar a codificação e decodificação do sistema da escrita, mas considerar os diferentes contextos sociais para nortear a prática. A prática escolar deve estar ligada ao contexto sociocultural que os alunos estão inseridos, não se pode negar realidade dos mesmos, quando o objetivo é formar e promover a socialização.

Nessa concepção de escola a alfabetização e o letramento são conceitos que não devem ser desvinculados, os mesmos precisam andar juntos, de mãos dadas, pois de que adianta aprender a codificar e decodificar sílabas se não souber interpretar determinada informação e posicionar-se criticamente diante dela. Os diferentes contextos sociais possibilitam que as pessoas se apropiem-se das funções sociais da escrita de várias maneiras, já que cada um tem uma experiência de vida diferente, ou seja, levando em conta o contexto essa apropriação não será regular para todos, sendo a diversidade um ponto forte neste processo.

No entanto, como constata Emilia Ferreiro (2012, p.13) a escola continua alfabetizando como se estivesse ensinando uma técnica. O modelo de alfabetização escolar está ligado ao tradicionalismo, voltado para codificação e decodificação das letras e sílabas, sem se preocupar com o sentido que aquilo pode ter ou não para os alunos, esquecendo que partindo da realidade dos mesmos, a aprendizagem pode-se tornar muito mais prazerosa e significativa para os alunos. Essa metodologia tradicional dificulta a formação de leitores e escritores, pois ler algo que não tenha sentido algum para você é muito mais complicado, imagina ter ânimo para escrever sem saber para que. Dessa maneira a erradicação do analfabetismo funcional fica ainda mais distante de ser alcançada.

Na atualidade com toda a evolução das tecnologias da comunicação, ter habilidades de leitura e escrita se torna cada dia mais necessário, estar provido de tais capacidades significa participar efetivamente da sociedade, ter a possibilidade de refletir sobre determinados temas, participar das redes sociais, acessar internet, ter e-mail, conversar pelo WhatsApp criar sua própria opinião e depois expressá-la, entre outros tantos proveitos. Mas não participar desse grupo significa beirar a exclusão social.

No discurso oficial a escola assume para si a missão de formar cidadãos, mas não faz sua parte, no entanto, práticas usuais de ensino inibem os alunos de expressarem suas opiniões, desde as séries iniciais, quando os obrigam a memorizar códigos artificiais, como na soletração onde repetem palavras com sons parecidos ou formam frases sem nenhum sentido ou significado. Os alunos passam as séries fazendo copias de textos, que não tem haver com o contexto e não são estimulados a criar seus próprios textos.

Fala-se muito em uma sociedade democrática, de direitos iguais para todos, em liberdade de expressão, mas na realidade não é bem assim, nossa sociedade é hierárquica e não há uma divisão igualitária, a minoria tem o poder e a massa deve seguir regras impostas por esta minoria. Quando se fala em educação para “todos”, mesmo assim para a massa essa educação deve ser limitada, com o objetivo de controlar e não de libertar essas pessoas, não permitindo o desenvolvimento da criticidade dos mesmos, desta maneira é bem mais fácil controlar a opinião e o exercício da cidadania. Se percebermos que através da leitura e da escrita e suas habilidades, esses indivíduos serão inseridos criticamente a sociedade e desta forma a alfabetização terá fins pedagógicos e políticos, o que enfatiza a importância dos estudos sobre letramento na sociedade, demonstrando que a forma descontextualizada e mecânica de alfabetizar não é o caminho. Principalmente na alfabetização de jovens e adultos, por mais que se fale em letramento, em aprendizagem contextualizada, em aproveitar a

realidade do aluno para transformar em conhecimento, se contextualiza, descontextualizando, passam exercícios e mais exercícios, recortes de jornais e revistas que na maioria das vezes não fazem parte da realidade daqueles alunos, e esses alunos passam anos e anos estudando para aprender a ler e escrever, mas saem da escola e não sabem colocar em prática em seu cotidiano.

Considerando o conceito de letramento em Magda Soares (1998, p.18) como "o estado ou a condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita", o pouco tempo de escolarização de grande parte dos brasileiros permite que se aprenda a ler e a escrever, mas não se torne leitor e produtor de textos. De acordo com Colello (2010), o ensino tradicional e tecnicista que tem sido desenvolvido nas escolas, onde educadores ensinam seus alunos a repetir, copiar, textos ou separar sílabas de palavras totalmente descontextualizadas são práticas contrárias à ação do letramento por parte dos alunos. Além disso, na sala de aula os alunos são proibidos de conversar, de expressar suas idéias e opiniões, portanto não é permitido que fossem protagonistas nem do seu discurso.

Para Colello (2010) o surgimento do debate sobre o letramento trouxe entre outras vantagens a de tirar o peso do fracasso escolar das costas dos alunos, pois foi possível questionar a escola sobre o fracasso escolar e constatar que a própria escola apropria-se de mecanismos técnicos e tradicionais e não se preocupam em estimular os alunos para a construção da autonomia na leitura e na escrita, os enchem de ditados, cópias, soletração, silabação, ou seja, métodos que foram criados no século XVIII que não condizem com a realidade linguística do século XXI. Desta maneira percebe-se que essas metodologias não tornam o ensino e a aprendizagem atrativos para os alunos e então explicam a evasão e o fracasso escolar.

De acordo com Soares (1998, p.47), temos que observar o significado da língua em um dado contexto sócio-histórico e o sentido social de aprender a língua. Nesse sentido a autora defende que é necessário alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais de leitura e escrita. Se a alfabetização é um meio de inserir as pessoas na sociedade, a mesma deve ser algo alcançável e concreto, não um ensino superficial e ilusório que não prepara o aluno para a vida cotidiana.

No debate sobre alfabetização o letramento tem sido interpretado de várias maneiras, uma vez que a palvra letramento carrega vários conceitos, o que dificulta um significado concreto para a mesma, desta maneira o conceito irá depender da perspectiva da pesquisa,

como por exemplo, para mim cujo meu objetivo é **compreender como um sujeito analfabeto pode ser considerado letrado se o ser letrado está associado com as práticas de leitura e escrita**?

Segundo Carraher e Schilieman(1988) aprendizagem adquirida na prática social, se desenvolvida coletivamente, por meio da observação e interação, também são métodos eficientes para letramento e para o processo de alfabetização, quando articulo o estudo desses autores à minha pesquisa pude notar que o sujeito da minha pesquisa através da interação e observação apropriou-se das práticas sociais de saberes e conteúdos, mesmo não sabendo ler e escrever.

Para Kleyman,(2008, p.15) existem dois modelos de letramento o **autônomo** e o **ideológico**. O letramento autônomo é o modelo escolar, que se preocupa com o individual, visando o progresso e a civilização. A escola que é a principal agência do letramento considera a aquisição da escrita um processo neutro, ou seja, não está preso a um contexto. Esta interpretação está ligada ao contexto lógico e interno do texto e não ao contexto do interlocutor eliminando assim a oportunidade de reflexão sobre o texto. Podemos ver isto nas atividades de interpretação de texto, onde as respostas dos alunos são consideradas erradas, pois não condizem com as respostas impostas pelo professor, deste modo não deveriam ser nomeadas de interpretação, já que a prática da mesma exige uma reflexão, o que engloba o contexto da pessoa que está lendo, envolve a sua realidade e seu ponto de vista. Desse modo a autora defende que o modelo autônomo está ligado a um grupo dominante, os que dominam a escrita, onde acontece também a divisão entre os letrados e os não-letrados, atribuindo poderes e qualidades aos que dominam a escrita. É individualista e culpa os pobres e marginalizados pelo fracasso da alfabetização. O modelo ideológico, ao contrario do autônomo, está preocupado com o coletivo, o social, a interpretação está totalmente ligada ao contexto onde está inserido, valoriza a pluralidade e a diferença.

Além desse debate, Colello, (2010, p. 96), constata o analfabetismo de resistência, como o estado em que o analfabeto, acredita que aprender a ler e escrever seria trair suas origens, esquecer suas raízes, ser diferente de seu povo, o mesmo tem medo de ser rejeitado pelos que não tiveram as mesmas oportunidades, medo do novo, de não se sentir bem fora da sua realidade. Visto desse modo, se por um lado aprender a ler e escrever é extremamente necessário já que analfabetos passam por situações constrangedoras diariamente, desde quando necessitam escrever seu nome, em uma lista para vaga de emprego, por exemplo ou procurar por um endereço que está escrito em um papel; por outro lado, muitos desses alunos

passam anos frequentando as salas de alfabetização de jovens e adultos, muitas das vezes por exigência do emprego, mas não são alfabetizados no sentido social, com base no letramento, deixam a escola codificando e decodificando letras, o que não os ajuda na vida cotidiana, decodificar não é útil para ler e interpretar uma notícia no jornal. De que adianta esses alunos saírem da escola alfabetizados, mas não conseguirem incorporar esse aprendizado na vida. Uma alfabetização só para diminuir as estáticas, nas pesquisas, sobre analfabetos no país? Que alfabetização é essa que não leva o contexto do aluno em consideração, que não se importa em estimular o aluno a aprender, que exclui o seu público alvo?

Considerando o debate sobre alfabetização e letramento vai se construindo um consenso de que é importante que os alfabetizandos desenvolvam habilidades de leitura e escrita para além da técnica de decifração das palavras. Mais do que isso, devemos nos preocupar com a apropriação da leitura e da escrita no dia-dia, em suas diversas práticas sociais, para que não se tornem alfabetizados pouco letrados, que são alfabetizados na escola através de técnicas, tendo conhecimento dos códigos da escrita, mas na prática, em pequenas situações cotidianas se sentem perdidos. Insistir apenas na perspectiva do aprendizado da técnica de decifração sem se preocupar com as condições histórico-sociais em que o indivíduo se encontra, tem dificultado muito o processo de aprendizagem, principalmente quando se trata de jovens e adultos, deixando-os cada vez mais distantes de usar a sua alfabetização como ferramenta importante no processo de inclusão social e na melhoria da sua qualidade de vida.

CAPÍTULO II

Pedagogias de alfabetização de jovens e adultos

Quando pensamos em alfabetização de jovens e adultos logo nos vem em mente, adultos analfabetos, que chegam à escola sem nenhum conhecimento, em busca de ao menos aprender a ler e escrever. Realmente eles procuram a alfabetização com o objetivo de aprender a ler e escrever sim, mas nós esquecemos que eles trazem consigo uma bagagem de experiências de vida, conhecimento de mundo, habilidades, talentos e capacidades. Diversos estudos traçam um perfil e identidade, apontando características desses jovens e adultos, a exemplo de Oliveira, (1999, p. 59), quando ressalta que o tema de educação de jovens e adultos, não está ligado apenas a uma questão de especificidade etária, mas principalmente a uma questão de especificidade cultural, ou seja, o tema não faz apenas uma delimitação do ensino pela idade de seus educandos, mas primordialmente por serem indivíduos que fazem parte de um determinado grupo cultural. Deve- se levar em consideração que este adulto, não é o que está em busca de um curso técnico só para se profissionalizar ou aperfeiçoar seus conhecimentos, mas sim que retoma os estudos ou até mesmo que nunca frequentou uma escola antes, que, em geral, não tem acesso aos melhores postos de trabalho e, consequentemente, compromete a sua qualidade de vida.

> Ele é geralmente o migrante que chega às grandes metrópoles provenientes de áreas rurais empobrecidas, filho de trabalhadores rurais não qualificados e com baixo nível de instrução escolar (muito frequentemente analfabetos), ele próprio com uma passagem curta e não sistemática pela escola e trabalhando em ocupações urbanas não qualificadas, após experiência no trabalho rural na infância e na adolescência, que busca a escola tardiamente para alfabetizar-se ou cursar algumas séries do ensino supletivo.

Neste trecho encontro a descrição que se encaixa perfeitamente no caso do sujeito da minha pesquisa, um analfabeto migrante e trabalhador da zona rural, que chega a capital para trabalhar em serviços que não exijam uma qualificação ou nível de instrução escolar, ou seja, mão- de- obra barata, pois pela falta de qualificação tanto profissional quanto escolar não está qualificado a fazer exigências.

Oliveira (1999, p. 62), faz referência ao lugar social ocupado pelos jovens e adultos como a condição de não-criança, de excluídos da escola e de membros de determinados grupos culturais. Como os adultos que se destacam pela característica de estarem totalmente ligados ao mundo do trabalho e trazem consigo uma maior bagagem de experiências e conhecimentos do mundo, provavelmente mais capacidade de reflexão, o que os fazem ter

mais habilidades e dificuldades em comparação com as crianças que por terem menos tempo de vida, tem menos experiências e conhecimentos.

Outro ponto relevante é que a escola se prepara para atender a demanda de crianças e adolescentes, mas muitas vezes não está pronta para mudar foco de público alvo para os adultos, isso requer adaptações e um olhar diferenciado, não se pode trabalhar com os adultos da mesma maneira que com as crianças e os jovens, pois cada pertence há um grupo social, e cada grupo tem suas singularidades, os adultos como já foi falado antes tem uma bagagem, uma leitura de mundo, suas experiências e reflexões, o que o diferencia dos outros grupos. Currículos, programas, métodos de ensino foram originalmente concebidos para crianças e adolescentes que percorriam o caminho da escolaridade de forma regular (OLIVEIRA, 1999, p. 61).

Há muitos fatores que podem caracterizar o fracasso da educação de jovens e adultos, como a situação econômica de alguns desses alunos, que precisam trabalhar o dia inteiro para sustentar sua família e acabam não tendo tempo para se dedicar de verdade aos estudos, como também a questão da distância que os mesmos sentem entre os conteúdos escolares e a realidade do cotidiano dos mesmos. A própria exclusão da escola regular que é o fator primordial para que exista a Educação de Adultos, pois se todos fossem escolarizados no tempo regular, a escolarização tardia não teria sentido, mas esse aluno que já se sentiu excluído lá quando estava na idade certa, quando a escola e seu currículo estavam adequados para esse público ele desistiu dos estudos, mas porque desistiu?

Colello(2010) afirma que a escola pouco está preparada para lidar com a diversidade, a escola não sabe como lidar com as diferenças culturais, sociais, de idade, etc. Se não há essa compreensão na escolarização regular imagine na Educação de Jovens e Adultos onde não há um currículo e metodologia específicos para essa modalidade e é necessário que haja uma adequação, o que na maioria das vezes não ocorre, então tanto a exclusão da escola regular, quanto a falta de uma pedagogia apropriada para alfabetizar jovens e adultos acabam sendo responsáveis pelo fracasso da escolarização tardia.

Sobre a valorização da escolarização de jovens e adultos, Di Pierro, (2005, p. 1117) menciona que a Educação de Jovens e Adultos só se tornou direito da cidadania após a Constituição Federal de 1988, ao assegurar o ensino fundamental como público e gratuito em qualquer idade. No entanto, ainda segundo a autora, não deixou de ser pensada como modalidade provisória, ficando em segundo plano em relação às políticas públicas, que proporcionam direitos, como recursos financeiros e didáticos para investimento na

Escolarização de Jovens e Adultos. Graças ao perfil marginalizado atribuído a EJA, perante as outras modalidades educacionais a responsabilidade da mesma, é passada de mão em mão, horas assumida pelo governo ou pela união, ou na maioria das vezes pelos estados, municípios e organizações sociais.

A implantação do ensino supletivo no Brasil é outro marco na história da EJA, que foi aprovada em plena Ditadura Militar, de acordo com Di Pierro, (2005, p. 1117), na época está modalidade ficou conhecida como "doutrina do ensino supletivo" pelo nome que tem bem a ver com o militarismo, a mesma foi pelo caminho da modernização, através da educação à distância, aderindo os preceitos do tecnicismo, onde surgiram os telecursos. Refletindo sobre o assunto, não há como criar muitas expectativas de uma modalidade de ensino que foi aprovada durante a Ditadura Militar, como o próprio nome nos diz uma doutrina, está sempre relacionada a disciplina, outra característica do militarismo, com certeza não poderia ser algo voltado para liberdade ou para a contextualização. O ensino supletivo foi pensado como uma ferramenta de reposição dos estudos que não foram concluídos na fase regular, numa concepção compensatória deste ensino, já que a EJA era vista como o ensino para pessoas que tinham interrompido os estudos e por isso não concluíram os mesmo na idade ou tempo correto, então voltar a estudar era como retomar a infância. A EJA passou a seguir as referências curriculares e metodológicas das escolas para crianças e adolescente e não havia uma preocupação com a bagagem trazida por esses alunos, com suas singularidades e a diversidade cultural, o que gerou visões preconceituosas sobre essa modalidade, pois só se enxergava a falta de experiência e conhecimento escolar desses jovens e adultos.

Com o aumento da exigência do grau de escolaridade para o mercado de trabalho o ensino supletivo ganhou ainda mais visibilidade, como também o ensino a distância. O problema é o ensino supletivo que é pensado como uma reposição dos estudos é uma escolarização bem rápida e superficial, já que o que no ensino regular por exemplo no ensino médio o que estudamos em três anos, no supletivo é aprendido durante um ano, o que torna o assunto totalmente resumido, para que o aluno consiga o certificado de conclusão da modalidade ao final do ano.

Mesmo com as condições mais favoráveis que surgiram após a queda da Ditadura Militar, em pleno século XXI, de acordo com Pierro (2005, p. 1132) nas redes estaduais e municipais de ensino, prevalece a apropriação do paradigma compensatório e o ensino supletivo.

> As dificuldades de instituição e consolidação de espaços de formação decorrem de múltiplos fatores, como a persistência da visão equivocada que concebe a educação de jovens e adultos como território provisório sempre aberto à improvisação; a precariedade do mercado de trabalho, que não proporciona a construção de carreiras profissionais; e o escasso envolvimento das instituições de ensino superior com um campo educativo de pouco prestígio e baixo grau de formalização

Sobre os embates do paradigma compensatório e a concepção da educação continuada ao longo da vida, nota-se que a educação continuada ao longo da vida surge a partir das necessidades apontadas pela sociedade e seus avanços. Com tantos avanços principalmente tecnológicos, o conhecimento se transforma, muda, o que aprendemos na escola há seis anos não é a mesma coisa ou não deveria está sendo ensinado da mesma maneira nas escolas da atualidade, as gerações se modernizam e o conhecimento nunca é absoluto e o suficiente para toda a vida. Desta maneira a educação continuada ao longo da vida cria uma grande força perante a sociedade, pois não há idade para aprender. Quando pequenos achamos que vamos estudar e que uma hora vamos parar com os estudos, mas ao decorrer dos anos percebemos que é quase impossível, pois o mercado de trabalho sempre nos exige novas qualificações e com a concorrência essa é a maneira de conquistar um diferencial.

A importância da sistematização do trabalho pedagógico do professor em sala de aula é muito grande principalmente a do professor alfabetizador. Durante o estágio na classe de alfabetização de jovens e adultos, nós até íamos pelo caminho certo guiados pelo que aprendemos na disciplina Educação de Adultos. Planejávamos atividades que estivessem dentro do contexto dos alunos, a cada aula trabalhávamos com metodologias diferentes, mas não sabíamos exatamente o que deveria ser feito, só fomos orientadas a trabalhar atividades a partir de textos.

Sempre procurávamos inovar para tornar a aula mais atrativa para nossos alunos e desta maneira facilitar aprendizagem e como eles eram muito participativos, através de suas opiniões nos traziam temas diferentes. Mas quanto ao objetivo principal de alfabetizá-los, nós não tínhamos um foco, talvez se tivéssemos sistematizado nossas práticas teria sido muito mais fácil.

Segundo, Gadotti (s/d), o analfabetismo é a expressão da pobreza, consequência de uma estrutura social injusta. O autor afirma que se deve partir do conhecimento das condições de vida do analfabeto, sejam elas objetivas ou subjetivas, ou seja, a alfabetização de adultos deve partir da realidade dos mesmos, o educador deve ter conhecimento das condições de vida de seus alunos, como emprego, moradia, habilidades, conhecimentos, histórias e experiências

que compõem a sua bagagem e formam sua cultura. Diante de todas essas informações o professor deve criar uma comunicação entre o saber técnico e o saber popular para o objetivo de alfabetizar esses adultos seja alcançado.

Gadotti (s/d) concebe o professor como um educador popular, como um animador cultural, tendo como função de estimular o interesse e a participação dos alunos durante as aulas, provocar a curiosidade e dar espaço para que os educandos se sintam à vontade para questionar e debater os determinados assuntos. Ressaltando que o educador não pode ser nem ingênuo e nem espontaneísta, ou seja, não pode achar que o conhecimento irá cair do céu, de maneira fácil e sem muito esforço.

Esse trecho me remete a quando como educadora, me sentia desnorteada sem saber como deveria trabalhar com meus alunos a alfabetização, pois sabia que deveria partir da realidade dos mesmos, mas não sabia o que mais faltava e agora enxergo que trabalhei de forma espontânea, no dizer de Gadotti espontaneísta, pois ao mesmo tempo em que estimulava a naturalidade do fluir dos temas e debates eu também não me esforcei mais para descobrir o que faltava para alfabetizar meus alunos plenamente. Antes acreditava que teria sido somente por falta de orientação, mas agora sei que também foi por falta de conhecimento, de correr atrás de novas leituras que trouxessem respostas para as minhas dúvidas. Após a leitura dos textos de autores como Gadotti (s/d) e Freire (1981) descobri que o que faltava era essa comunicação entre o saber técnico e o saber popular, entre a leitura da palavra e a leitura de mundo, pois percebi que só o saber popular, a busca da realidade dos adultos não é suficiente para alfabetizá-los.

Freire (1981) destaca a importância de uma leitura critica e relaciona leitura do mundo e leitura da palavra, onde o mesmo deixa claro que uma precede a outra, que para a leitura da palavra acontecer é necessário que a leitura do mundo seja levada em conta, ligando texto a contexto e facilitando a interpretação do que está sendo lido. De acordo com Freire (1981) ao relacionar a leitura de mundo à leitura da palavra ele retoma sua infância, aonde vai relembrando o início de suas experiências com a leitura e nos mostra que seu primeiro contato com a mesma foi á partir da compreensão de seu mundo imediato e particular, através de suas curiosidades, do contato com a natureza, os animais, os sons, a linguagem dos mais velhos, primeiro a compreensão da sua realidade para depois aos poucos ser inserido na leitura da palavra. Foi alfabetizado ainda em casa por seus pais, através de palavras do seu contexto, com a leitura do seu mundo particular. Mesmo assim Freire (1981) foi para escola e lá o trabalho de seus pais foi continuado, aprofundado, destacando a importância da alfabetização

escolar em sua vida. Na escola a leitura da palavra, da frase, da sentença, jamais significou uma ruptura com a "leitura do mundo". Nela, o autor afirma que a leitura da palavra foi a leitura da palavra mundo: "A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente" (IDEM, p. 11). Com esta declaração Freire (1981) deixa claro que a leitura do mundo é importante para o letramento, mas sozinha não é suficiente para a alfabetização plena, para que a mesma ocorra é imprescindível a relação entre leitura do mundo e leitura da palavra.

CAPÍTULO III

A leitura de mundo precede a leitura da palavra: o analfabeto letrado?

Seu Joaquim é um senhor de 58 anos que até os 48 anos nunca tinha ido à escola. Seu Joaquim tornou-se "letrado" aprendendo na interação com o outro, através das experiências que teve no sindicato rural e no MST, interagindo com outras pessoas, aprendeu com suas próprias experiências.

Ele dá testemunho de que cada indivíduo pode apropriar-se de informações de forma oral ainda que não tenha domínio da escrita, porém cada um tem uma experiência de vida diferente, levando em conta o contexto essa apropriação não será igual para todos, sendo a diversidade um ponto forte neste processo.

> Nunca estudei antes, fui pra escola a primeira vez aos 48 anos de idade. Eu vi a necessidade de estudar, eu era uma pessoa que via mais não enxergava, quando agente vê e não enxerga é considerado cego. Ás vezes eu estava na frente de um local que eu tava procurando, com o endereço na mão, mas eu perguntava, pedia uma informação, mas como as pessoas gosta de tira onda né? Achava até que eu tava brincando, aí dizia você vai voltar dois trechos e lá você vai encontrar, eu voltava e lá não encontrava, o endereço que eu tava procurando tava lá atrás, aí outra pessoa me falava até que eu acertava, por isso eu fui pra sala de aula. E ai estudei em uma escola particular de um vereador, o "Mago", todo ano era o primeiro ano, não avançava, era um "mobralzinho" ali atrasado, então saí, sou pedreiro, na construção civil a gente tem dificuldade, a gente cansa muito e aí eu terminei saindo da escola e fiquei um tempo parado e depois fui pro Martins ali, estudei uns dois anos e aí estudei até a 4º serie, quando era pra eu ir pra 5º eu não fui mais pra escola, mas continuei sem saber, sem saber ler e escrever. Quando fui trocar minha identidade, quando cheguei lá não consegui assinar meu próprio nome, eu fiquei decepcionado e foi aí que eu voltei pra sala de aula (Fala de Seu Joaquim).

Quando Seu Joaquim faz está afirmação de que era um "mobralzinho ali atrasado", entendo que ele faz uma crítica ao ensino da escola, pois ele próprio mesmo sem ter muito entendimento sobre o sistema escolar percebeu que não havia progresso, ele estudava e não ocorriam mudanças, não aumentava o seu domínio dos conteúdos e tão pouco se sentia avançando na aprendizagem. Isso nos remete a realidade de várias escolas de adultos, que trabalham com adultos da mesma maneira que trabalham com crianças, não mudam os conteúdos, nem as temáticas. A maioria desses Jovens e muitas das vezes senhores e senhoras, trabalham o dia todo e vão a escola à noite em busca de aprender a ler e escrever, da

ampliação da sua visão de mundo, da sua autonomia. Eles buscam conhecimentos novos, que os levem à alfabetização, alguns almejam chegar a faculdade, mas a cada dia as dificuldades aumentam, pois não há estímulo para que os mesmo permaneçam na escola.

Seu Joaquim comenta que via mais não enxerga e que quem vê mais não enxerga é cego. Para ele foi uma forma de expressar o quanto se sentia incapaz, como com o exemplo do endereço ele via o endereço no papel, mas não conseguia ler e entender o que aquilo significava, ele se sentia literalmente perdido, ainda mais quando as pessoas agiam de má fé e o indicavam o local errado, isso só o fazia se sentir cada vez mais inferior. Mas todo esse obstáculo o fez perceber que ele precisava correr atrás do seu objetivo, essas situações deram força para que ele frequentasse uma escola, com o objetivo de ser alfabetizado. Foram muitas idas e vindas à escola até conseguir decifrar a escrita.

> [...] eu voltei pra sala de aula, aqui pra universidade, que foi onde agente estudou com você, com as nossas colegas e ai eu tenho aprendido mais, tenho aprendido um pouco mais, já sei escrever, não muito mais sei, já leio melhor do que o que eu lia antes né? Aquelas mensagens que você mandou, eu li toda, não retornei, porque eu tava pronto, tinha um pessoal lá em casa, mas eu sabia que você tava querendo confirmar comigo o horário e se realmente eu vinha ou não, se eu ia comparecer ou não, então isso pra mim é gratificante, eu hoje não preciso mais ta perguntando aonde eu estou e nem pra onde eu vou, eu pego qualquer endereço aqui dentro de Aracaju e eu vou pra onde eu quero.

Eu descobri que Seu Joaquim tinha WhatsApp e passei a me comunicar com ele utilizando essa ferramenta tecnológica. Ele agora se sente muito mais capaz e integrado socialmente reconhecendo a importância de se manter informado e ligado aos avanços da modernidade.

> Eu uso mais o Whatsapp, por que eu uso mais o WhatsApp?Porque WhatsApp é muita mensagem e a mensagem me ajuda a desenvolver a minha leitura. Eu não posso andar com o caderno no trabalho, eu não posso andar com o caderno na rua, mas eu posso andar com o celular e no momento que você manda a mensagem pra mim, eu vou ter que ler, até porque é uma curiosidade muito grande, quando a gente recebe a mensagem a gente quer saber o que é que ta acontecendo, quem mandou e então a gente vai ler e isso ajuda na minha leitura, então por isso tenho preferência pelo WhatsApp porque aí eu vou ler a mensagem, eu vou aprendendo a mandar também, escrever né? Com dificuldade porque não é assim, o dedo da gente assim largo termina pegando duas letras, você quer escrever uma palavra aparece outra,mas isso é um processo de aprendizagem não é?

Ao ser questionado sobre seu envolvimento com o movimento popular ele afirma que "conhecimento é poder", fala isso pois antes de entrar no MST(Movimento dos Trabalhadores Sem Terra), era facilmente enganado. É aquela velha questão de que os ricos não querem ofertar educação para os pobres, pois com a educação os pobres vão desenvolver senso crítico e começar a questionar determinadas situações, por isso preferem que os mesmo continuem ignorantes. E foi assim que Seu Joaquim entendeu que poderia ter o poder nas mãos, mesmo através do conhecimento informal, alí no movimento, adquirindo conhecimentos através da interação com os demais, não precisava ser rico, só queria lutar por seus direitos, direitos que tinha acabado de descobrir que eram seus.

> [...] a gente começou a luta dos movimentos populares, mas nós já começamos um trabalho de Reforma agrária, eu ouvia falar pela primeira vez de reforma agrária e então era muito difícil porque a reforma agrária não tinha sido assinada ainda, então ela ainda não era Lei e aí ele [um colega sindicalista que o apresentou o MST] convenceu a gente, a gente tinha vontade mais achava que tava roubando as terras dos fazendeiros e a gente não tinha conhecimento. Eu costumo dizer que "quem conhece pode, conhecimento é poder".

Dentre o vasto leque de conhecimentos adiquiridos por Seu Joaquim através da suja experiência no Movimento, o mesmo compreende exatamente como funciona um sistema hierárquico, tem conhecimento sobre conselhos e grupos que são destinados a se responsabilizar por determinadas funções.

> [...] tem reuniões interna do movimento, como eu não estou inserido dentro do Movimento né? Então eu não me acho no direito de participar, porque eu conheço das regras. Eu ia tá na frente do Movimento e convida uma pessoa só porque é meu amigo pra participar de uma reunião, onde só vai participar a diretoria, porque tem reunião dentro do Movimento que só a diretoria participa. Na sua própria escola tem reuniões que tem algum conselho que não participa, um é melhor que o outro? Não, é que o assunto não diz respeito aquele outro naquele momento.

Seu Joaquim conta que ia para reuniões e participava das intervenções para expressar sua opinião. Nota- se que o sujeito no início observava o que estava acontecendo já que não sabia ler as pautas, ele descobria do que se tratava através dos comentários dos demais e foi aí que aprendeu a ouvir e interpretar o que as pessoas falavam, aprendeu também a avaliar as discussões para que assim pudessem se pronunciar ao ouvir algo que não fazia sentindo. Interpretar, avaliar e expressar sua opinião foram habilidades que Joaquim desenvolveu através da sua experiência no Movimento, ele obteve práticas de leitura e escrita sem saber

ler, nem escrever, práticas que muitos acreditam só serem alcançadas através da educação formal na escola, mas o sujeito desenvolveu-as através da interação na sociedade.

> Um dia eu tava com um deputado, nós tinha um encontro nacional do PT, eu saí de Boquim, eu era de Boquim saí como delegado, estávamos com trinta e cinco delegados da Assembléia Legislativa e na hora, o pessoal se inscrevendo e tal e eu fui lá me inscrevi, na hora Déda nosso ex- governador, finado Marcelo Déda, tinha se inscrevido na minha frente e eu não vi e Marcelo Deda era um grande orador, uma posição forte, um discurso muito bom, aí depois quando tá ali naquela discussão tinha o presidente lá da mesa que era Silvio, Zé Eduardo, aí disseram: Bom, agora só tem dois inscritos, quem quiser se inscrever venha até aqui, aí eu acompanhei Déda ele era deputado na época, Deputado Federal e Zé Eduardo Senador. Companheiro Marcelo Déda e companheiro Fadiga, no linguajar popular do movimento o pessoal me conhece por companheiro Fadiga, aí quando falou companheiro Marcelo Déda e depois companheiro Fadiga eu chega gelei, ô caramba, quando esse cara começar a falar aí e eu vou falar o que? Aí fiquei lá tal, tava com o texto na mão, a pauta de discussão, eu não sabia o que era que tinha escrito lá, aí Déda fez um discurso tava lá o auditório tava assim de estudante, porque o pessoal vai, quando ele terminou aí fui eu, peguei assim a pauta de discussão enrolei ela na mão, porque o neuvoso era tanto que eu não conseguia me controlar, aí eu peguei o papel assim sai balançando pro povo não perceber que eu tava neuvoso, aí eu cheguei lá na tribuna, coloquei as mão em cima da mesa e aí comecei a falar, quando eu falei três palavras, aí a assembléia em peso levantou e aplaudiu de pé, aí quando aplaudiu de pé, eu pensei "Oih, toquei na ferida" ! (risos), aí eu desci a ripa, o que eu falo vem de dentro é o que eu sinto, eu não tenho medo de Doutor, pra falar, porque o Doutor vai enfeitar as palavras, procurar criar palavras bonita, mas ele não fala a língua do trabalhador, essa é a diferença. O trabalhador, se eu não falar certo, eu vou lá e falo palavras e o povo me aplaude porque o povo sabe que a minha língua é a língua deles, agora tem que ser objetivo, quer ocupar uma tribuna, dar um discurso e ficar meia hora falando, o discurso não presta, a partir do momento que você me faz uma pergunta, faz uma interrogação aí eu começo a falar, mas quando eu paro, que você vem com outra interrogação, você tá me dando munição pra eu continuar falando eu não vou falar mais da mesma coisa, eu vou falar outra coisa porque o assunto já é outro assunto, o discurso é diferente, aí então objetivo, pego em lei.

O entrevistado tem opinião formada sobre a política, compreende que com a educação há mudanças, mas mesmo antes de ir para escola estudar, Seu Joaquim ia para as escolas do interior onde morava, explicar sobre a reforma agrária, mesmo sem saber ler e escrever, ele desenvolveu sua oratória, falando em público e palestrando para pessoas escolarizadas, mesmo sendo analfabeto.

> O caminho é esse, se cada um de nós fizer a parte, nós vamo ter menos analfabetos e vamos ter também menos corrupto no poder. Porque nos interior o pessoal vota mais errado do que certo? Por que não tem uma formação política, porque hoje nos já discutimos política nas escolas, mas

> antes não podia, isso é um ruim. Política tem que ser discutida na escola, na igreja, todos as áreas populares que tiver gente tem que ser discutido política, pro povo ser politizado e eu aprendi tudo isso fazendo parte do movimento popular, com advogados, com médicos, com professores, em Boquim eu ia pras escola dá aula sobre a reforma agrária, analfabeto não sabia ler e escrever e eu dava aula sobre reforma agrária(risos).

Em sua entrevista Seu Joaquim reconhece a importância que a escola poderia ter para a sua vida, coisas tão simples como namorar não passa somente pelo que ele aprendeu na vida mas pelo que ele ainda se envergonha de revelar, como por exemplo o fato de não saber ler.

> [...] eu arranjei uma namorada [...] ela tirou um bilhete e me entregou, aí eu peguei saí, lá na frente abri, só abri, eu tava lá e ela pensava que eu tava lendo, eu sabia o que tinha ali? Nada, eu não sabia de nada, aí peguei rasguei miudinho, pra ela ver, já leu, li nada. Então é muito difícil, o negócio tá na sua mão, se for pra mandar matar, a pessoa morre. Essas coisas foram mostrando a necessidade de estudar, porque se você é uma pessoa que enxerga longe, quando começar a montar o quebra-cabeça você vai entender que pra você chegar lá, você vai precisar fazer alguma coisa e o que é que você tem que fazer? Porque eu já trabalhava de enxada, trabalhava de machado, trabalhava de foice, fazia tudo que um trabalhador rural faz, mas eu não conseguia chegar lá, ai então eu descobri que a solução era estudar.

A falta de escolarização impediu Seu Joaquim de assumir postos de trabalho mais especializados cujo salário poderia ser mais alto e garantiria uma melhor qualidade de vida. Em vários momentos da entrevista ele narra fatos sobre as oportunidades que perdeu por não ser alfabetizado e que todas essas "portas na cara", o levaram a estudar. A cada dia que passa a qualificação para o trabalho são mais exigidas pelo mercado, é isso que na maioria das vezes faz com que as pessoas consigam uma vaga em um determinado emprego, quanto mais qualificações melhor e mesmo em áreas onde não faziam muita diferença antes ser analfabeto, hoje são exigidos que funcionários estejam frequentando a escola.

> Um dia cheguei em Aracaju, tava trabalhando na Norcon, quando cheguei lá, o mestre tava no prédio ai disse: Zé eu já sei o que você quer, você quer fichar! Aí eu quero sim! Ele disse: Zé você foi pra escola? Eu disse não, ele disse não posso fazer mais nada por você, porque a Norcon tá com uma meta aqui que ela só coloca dentro quem tiver estudo.

> [...] Depois tô lá trabalhando em outra empresa, chega um engenheiro, aí o encarregado geral chegou e disse: o engenheiro geral quer falar com você. Ai eu subi lá no escritório, ele disse eu tô precisando de um mestre de obra e pela informação que eu tenho, porque eu não lhe conheço, mas esse homem é você, ai eu disse: - Doutor eu não tenho condição de ser mestre não, eu sou um encarregado: - Eu sei, mas eu quero você como mestre [...]A princípio eu concordei com ele, aí ele assinou minha carteira e eu fui pro campo, quando

> fui pro campo comecei a pensar: mestre geral, ele faz produção, tem que incubar, fazer conta, saber quantos metro cúbico vai pegar, pra ele não pedir um caminhão de metro cúbico a mais senão ele perde o emprego, mestre geral ele tem que anotar e saber a relação de todos os funcionários da obra, tem que assinar e eu não sei fazer nada disso, como é que eu vou ser um mestre de obra? [...] isso são pontos que obriga a gente a ir pra sala de aula.

Ele confessa que no começo quando ingressou na escola, ele até se apropriava de palavras rebuscadas, pois via as outras pessoas falando e achava bonito, e também via na Bíblia, mas na maioria das vezes confundia o significado das mesmas e acabava falando coisas sem sentindo e após algum tempo na escola passou a prestar mais atenção no significado das palavras e que agora lê a Bíblia e compreende o que está lendo. O aluno desenvolveu melhor a leitura do que a escrita, mas mesmo depois de tanto tempo na escola ainda não está alfabetizado.

> [...] quando você começa a vir pra uma sala de aula, você começa a ver um mundo diferente, porque você começa a fala com um povo que já vem a mais tempo, imagine eu sentado aqui sendo entrevistado por você, universitária, se eu não tivesse importância no que eu ia dizer pra você, você não me convidava, você viu alguma coisa em mim que lhe chamou atenção. Ai Gilvan me disse o seguinte: Você hoje é um rapaz civilizado, é um homem civilizado, você trata as pessoa de forma diferente, hoje até quando eu falo uma palavra errada eu percebo que falei e logo corrijo, porque assim a pessoa ta falando e você ta atento, ai você começa a comparar o que a pessoa ta falando, ai eu percebo não aquela palavra eu falava diferente, mas é daquele jeito, é assim que fala, isso você aprende.

A escola hoje precisa levar em conta as referências curriculares e metodológicas apropriadas ao mundo do jovem e do adulto, deve prestar mais atenção à bagagem de vida e de cultura trazida por esses alunos, com suas singularidades e a diversidade cultural, além de trazer para a sala de aula como conteúdo do ensino as ferramentas do mundo1 informatizado do qual o jovem e o adulto fazem parte, mesmo como analfabetos absolutos ou funcionais.[1]

> Sem falar que hoje temos que assinar tudo, pra pegar um ônibus tem o cartão, tem que assinar quando vai fazer, pra tirar um dinheiro tem um cartão, quando você vai tirar tem que saber ler. Agora eu já peguei uma apostilha que eu vou tirar minha carta, to estudando vou tirar a habilitação, porque você vai andar na cidade, mesmo no veiculo, você tem que ter atenção porque tem as placa e lá ta indicando onde você vai entrar, se você não súber ler não vai saber. Eu leio a bíblia sem

[1] Dados do IBGE pelo senso de 2010 acusam um número de 18% da população de analfabetos funcionais. Em números absolutos isso corresponde a 33 milhões de analfabetos funcionais. O IBGE define como analfabeto funcional pessoa com menos de quatro anos de estudo.

> dificuldade e entendo, porque ela não é fácil de ler não e eu leio bastante. Agora com o Whatssap eu tenho me dedicado, tem me ajudado muito e vou comprar um computador no próximo ano, quero aprender ai, com as aula de informática na escola pra praticar em casa.

Ele quer ser engenheiro, mas está com cinquenta e cinco anos e ainda não venceu o primeiro ciclo da alfabetização. Fala-se muito em uma sociedade democrática, de direitos iguais para todos, em liberdade de expressão, mas na realidade não é bem assim, nossa sociedade é hierárquica, e não há uma divisão igualitária, a minoria tem o poder e a massa deve seguir regras impostas por esta minoria.

> [...] eu tô disputando uma vaga não é pra aprender a assinar o nome, pra poder fazer uma carta, mas é pra ser universitário, se eu puder ser engenheiro eu não quero ser pedreiro, nem mestre de obra, eu quero ser engenheiro, eu disputo com esses menino que deixa de estudá pra se envolver com droga, pra viver nas malandragem [...] mas pra isso eu tenho que pagar o preço, eu tenho que ter perseverança.

Quando se fala em educação para "todos", mesmo assim para a massa essa educação tem sido limitada, principalmente na EJA, por mais que se fale em letramento, em aprendizagem contextualizada, em aproveitar a realidade do aluno para transformar em conhecimento é como se contextualiza descontextualizando, passam exercícios e mais exercícios, atividades de recortes de jornais e revistas, debate acalorados sobre fatos do cotidiano, no entanto esses alunos passam anos e anos frequentando as classes de alfabetização de jovens e adultos para aprender a ler e escrever e acabam sem dar continuidade aos estudos, seja pela dificuldade de acesso ao segundo ciclo do ensino fundamental ou pelas dificuldades pessoais de conciliar trabalho e estudo.

Seu Joaquim é um exemplo de um analfabeto – letrado, é um caso que foge ao conceito de letramento apresentados por Magda Soares (1998), ou seja, é alguém capaz de fazer uma leitura crítica do mundo, ainda que não tenha ainda domínio pleno da leitura e da escrita da palavra, ele não sabe ler e escrever efetivamente, mas através da prática social apropriou-se de habilidades, que compõem o processo de alfabetização, como, organizar pensamentos, articular ideias, expressar sentimentos e interpretar o mundo. Desenvolveu essas habilidades observando comportamentos, participando de debates, convivendo com outras pessoas, interagindo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seu Joaquim é o analfabeto mais letrado que eu já conheci, o sujeito da minha pesquisa, um senhor de 58 anos, líder sindical, petista que participava do MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra), me possibilitou a compreender como pessoas analfabetas se letram, mesmo considerando a literatura especializa que defende letramento como a apropriação pela pessoa no seu cotidiano de práticas de leitura.

De acordo Freire há dois tipos de leituras: a leitura de mundo que acontece naturalmente com interação social é um saber popular e a leitura da palavra que necessita da escolarização, um saber mais técnico e formal. No caso de Seu Joaquim, ele tem uma vasta bagagem de leitura de mundo, conhecimentos que adquiriu com a vida e suas experiências no partido político e nos movimentos socais, como no MST, onde desenvolveu uma leitura crítica e habilidades como a comunicação com o público.

Sendo assim, pode-se supor que Seu Joaquim é um analfabeto-letrado, no dizer de Kleiman (1995, p.16 apud Freire, 1980) "capaz de levar o analfabeto a organizar reflexivamente seu pensamento, a desenvolver sua consciência crítica, capaz de induzi-lo num processo real da cultura e de libertação", ou seja, ele atribui como letrado o indivíduo analfabeto capaz de pensar e desenvolver sua consciência crítica, aquele que desenvolveu uma leitura de mundo, com conhecimentos e habilidades que não aprendeu na escola.

No entanto, Seu Joaquim mesmo após anos frequentando a escola ainda não conseguiu a alfabetização plena, isso prova que a leitura de mundo somente não é suficiente, o letramento deve andar de mãos dadas com a alfabetização, ocorrendo uma ligação entre leitura de mundo e leitura da palavra, o saber popular e o saber técnico. O que não ocorreu, já que, a escola como constata Emilia Ferreiro(2012), continua alfabetizando através de técnicas, a alfabetização escolar está ligada ao tradicionalismo, na perspectiva apenas de codificar e decodificar palavras, sem se preocupar com a realidade do aluno, por isso há tantos analfabetos funcionais, que apenas decodificam palavras, mas não conseguem interpretar e nem colocar em prática seus conhecimentos na vida cotidiana fora da escola – são os chamados pela literatura especializada de analfabetos funcionais.

Se preocupar com a realidade do aluno, passou a ser a estratégia considerada como capaz de dar conta de uma aprendizagem contextualizada. Porém, quando a escola passa a levar em conta a leitura de mundo, as experiências trazidas pelos alunos, ela acaba colocando em segundo plano a técnica e acaba não alfabetizando. Isso é uma prova de que a técnica da

decifração é algo que tem que ser sistematicamente ensinado, porém tendo como ponto de partida e de chegada o contexto sociocultural do aluno, ou seja, os saberes técnicos devem ser construídos a partir do saber popular. O papel da escola na vida de Seu Joaquim é alfabetizá-lo, vinculando toda a sua bagagem de experiências de vida com o saber técnico, para que o mesmo deixe de ser um analfabeto. O problema está em como construir essa escola, superando a visão equivocada da educação de jovens e adultos como provisória, improvisada, sem perspectiva profissional sem prestígio e com baixo grau de formalização?

REFERENCIAS

COLELLO, M. G. S. Em defesa da sistematização do trabalho pedagógico do professor em sala de aula. In: LEITE, S. A. S.; COLELLO, M. G. S.; AMORIM, V. A. (Org.). **Alfabetização e letramento: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2010, p. 55-71.

——— Alfabetização e letramento: o que será que será? In: LEITE, S. A. S.; COLELLO, M. G. S.; AMORIM, V. A. (Org.). **Alfabetização e letramento: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2010, p. 75- 125.

DI PIERRO, Maria Clara. Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil. *Educ. Soc.* [online]. 2005, vol.26, n.92, pp. 1115-1139.

KLEIMAN, Angela B**. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola**. In: KLEIMAN, Angela B. (Org.). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 2008. p.15-61.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1981. p. 11-16.

GADOTTI, Moacir. **Formação de pessoas adultas. A última experiência de Paulo Freire**. p.1-4. Disponível em: http://www.acervo.paulofreire.org/. Acesso em 20/01/2015.

LUDKE, Menga; ANDRE, Marli. E.D.A. Abordagens qualitativas de pesquisa: a pesquisa etnográfica e o estudo de caso. In: **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo, EPU,1986. Cap.2, p. 11-24.

——— Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. In: **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo, EPU, 1986. Cap.3, p.25-44.

MACEDO, M. S. A. N. **Desafios da alfabetização na perspectiva do letramento.** Presença Pedagógica, Belo Horizonte, v. 7, p. 17-23, 2001.

MAZZOTTI, Alda J.; GEWANDSZNAJDER, Fernando. Contexto e Participantes. In: **O método nas ciências naturais e sociais**, 2.ed. São Paulo, Pioneira, 1999, p. 162- 178.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 1999, n.12, p. 59-73.

APÊNDICE A:

QUESTIONÁRIO SOBRE O PERFIL DOS ALUNOS DA EJA

1. DADOS DO ALUNO

1.1 Nome do aluno:_____

1.2 Sexo: ( ) MASCULINO ( )FEMININO

1.3 Idade: _____

1.4 Estado Civil: _____

1.5 Filhos: ( ) NÃO ( )SIM,quantos:_____

1.6 Trabalha: ( ) NÃO ( )SIM, onde: _____

1.7 Profissão: _____

1.8 Renda familiar (soma da remuneração dos que trabalham e moram na mesma casa)

( ) de 1 a 2 salários mínimos ( ) de 3 a 5 salários mínimos

( ) mais de 5 salários mínimos

2. DADOS ESCOLARES

2.1-Ciclo em que está matriculado: ( ) 1^o e 2^o ano ( ) 3^o e 4^o ano

2.2- Idade entrou pela primeira vez na escola: ( ) 7 a 10 ( ) 11 a 15 ( )mais de 15

2.3- Idade que você tinha quando saiu da escola: _____

2.4- Série que cursava:_____

2.5- Motivos que fizeram você deixar a escola (pode marcar mais de uma alternativa):

( ) Trabalho ( ) Casamento ( ) Filhos ( ) Falta de êxito na escola ( )outros

2.6- Motivos que o trouxeram de volta à escola

_____

_____

_____

2.7- Frequenta regularmente hoje: ( ) SIM ( ) NÃO

2.8- O que mais gosta na escola?

_____

_____

_____

2.9- O que menos gosta na escola?

_____

_____

_____

2.10- Por que entrou na EJA:

_____

_____

_____

2.11- Qual sua expectativa com a EJA:

_____

_____

_____

2.12- Significados da escola para a vida hoje:

_____

_____

_____

2.13- O que mudaria no ensino ?

_____

_____

_____

2.14- Pretende concluir o Ensino Fundamental: ( ) SIM ( ) NÃO

2.15- Pretende continuar a estudar :

( )Ensino Médio ( ) Curso Técnico ( ) Faculdade

APÊNDICE B:

ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

1) Nome Completo:

2) Idade:

3) Escolaridade:

4) Profissão:

5) Trabalha desde que idade?

6) Desde quando está engajado nas lutas trabalhistas e por quê?

7) O que o motivou a voltar a estudar?

8) O projeto, os professores e o convívio com os colegas contribuíram para o seu desenvolvimento como aluno?

9) O retorno aos estudos foi e está sendo importante para o seu desenvolvimento pessoal e profissional? Fale um pouco sobre isso.

10) Quanto ao seu envolvimento com as lutas trabalhistas, a aprendizagem adquirida na escola, auxiliou para um melhor desempenho nas lutas?